

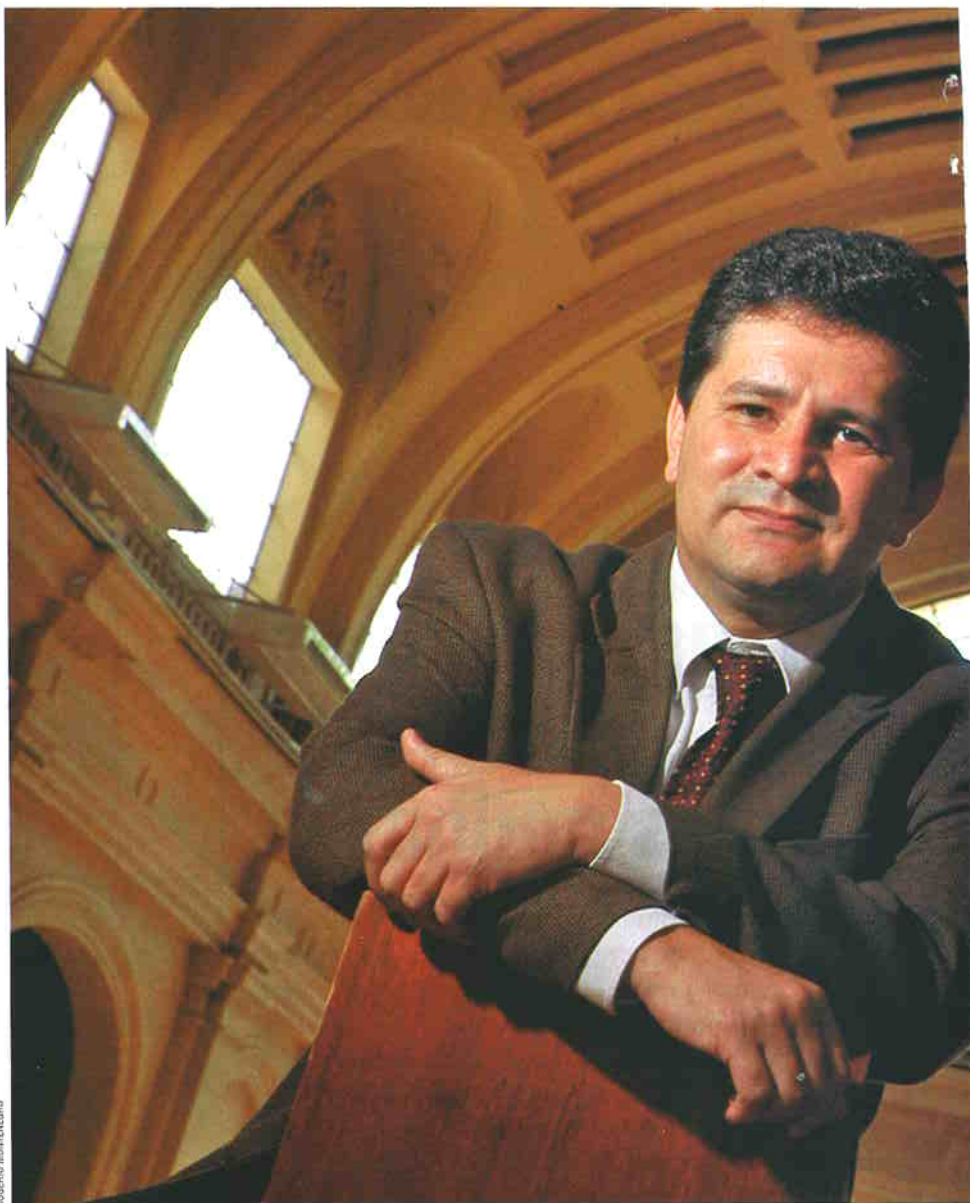
## Cultura

**Marcelo Lopes, músico e diretor executivo da Osesp: todas as paixões e hobbies reunidos sob o mesmo teto**

A imprensa americana foi unânime nas críticas à Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), na ocasião do USA Tour 2006, realizado no país vizinho no fim do ano passado. Não faltaram adjetivos, como “excepcional”, “cintilante”, “extraordinária” e “formidável”. Ao ovacionar a orquestra, pouca gente sabe — lá nos Estados Unidos e mesmo aqui — que, por trás da expressividade e da impecável afinação, um mecanismo de logística ágil dá bases seguras para que o conjunto brilhe. É simples. Basta imaginar a Osesp como se fosse uma empresa que vende um produto cultural de boa qualidade, uma organização que emprega 300 funcionários, entre eles 181 músicos.

“Para que uma orquestra tenha ritmo e precisão é necessário que seja regida por princípios da boa administração. No caso da Osesp, uma equipe de 40 funcionários trabalha dia e noite em departamentos jurídico, administrativo e de marketing, tudo como se fosse uma empresa tradicional”, diz Marcelo Lopes, diretor executivo da Fundação Osesp.

Trompetista do conjunto desde 1984, Lopes se tornou diretor quando a orquestra se transformou numa fundação, em 2005. Um movimento natural para ele, que tinha um currículo



ROGERIO MONTENEGRO

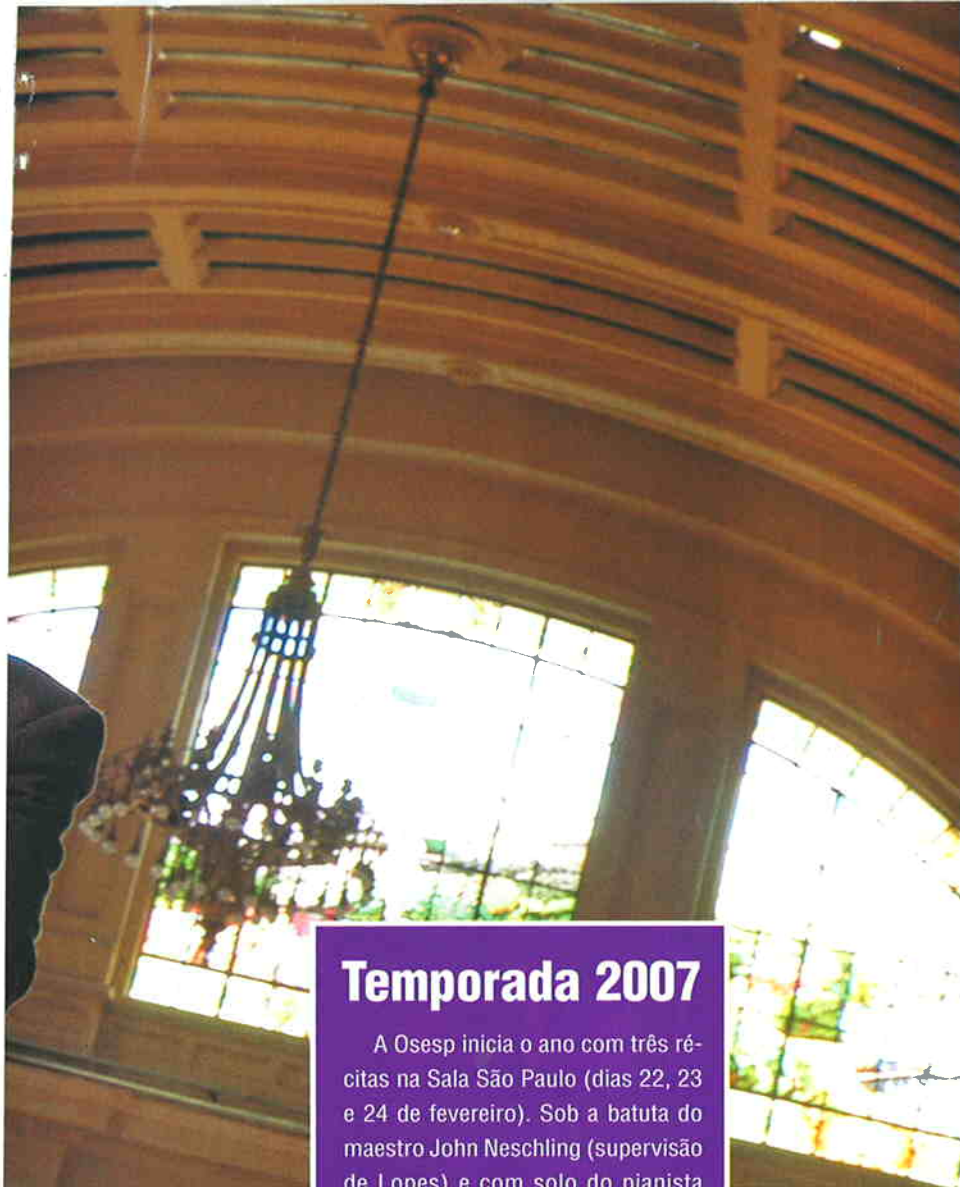
# Usina Orques

**No compasso administrativo das empresas privadas, a Osesp reduz a cada ano a sua dependência do governo e investe na internacionalização** Por Alexandre Staut

que inclui cursos de economia, direito e pós-graduação em administração pública — um *virtuose* dos números.

Entre as centenas de afazeres diários (além dos ensaios, pois ele ainda pertence ao corpo de músicos da orquestra) estão decisões sobre restauros

e manutenção na Sala São Paulo, captação de recursos por meio da lei Rouanet e formalização de contratos. Além disso, Lopes agiliza a segurança jurídica de licitações, instrui a assessoria de imprensa da Osesp em estratégias com a mídia especializada, entre



## Temporada 2007

A Osesp inicia o ano com três récitas na Sala São Paulo (dias 22, 23 e 24 de fevereiro). Sob a batuta do maestro John Neschling (supervisão de Lopes) e com solo do pianista húngaro Dezső Ránki, o programa tem obras de Silvestre Revueltas, Béla Bartók, Heitor Villa-Lobos e Ottorino Respighi.

Na seqüência, enquanto a Osesp excursiona pelo Velho Continente, assinantes poderão assistir na Sala São Paulo, em março, a três atrações internacionais: Quarteto Vermeer (dias 1.º, 2 e 3), Gabriela Montero (8, 9 e 10) e Camerata Baríloche (22, 23 e 24). A programação deste ano traz 141 récitas, 99 com a Osesp.

# tral

outras dezenas de afazeres. “Chego à Sala São Paulo nas primeiras horas do dia e só saio daqui depois das 22 horas”, diz bem-

humorado, enquanto vistoria o restauro de um gabinete do belo prédio, que será transformado em galeria de arte nos próximos meses. “Consegui reunir num só lugar, num único trabalho, tu-

diminuir de 15% a 20% o valor dos contratos de prestação de serviço; levou 35 mil alunos da rede pública de ensino à sala de apresentação, em 2006, pensando na criação de novos públi-

do o que gosto de fazer, inclusive meus *hobbies*.”

Um balanço nas contas da fundação, desde sua criação, mostra que Lopes tem garantido uma gestão séria e transparente. Basta espiar os contratos da orquestra. Ele conseguiu, por exemplo,

cos; ao mesmo tempo que cria estratégias para diminuir a dependência da fundação em relação ao Estado.

“Hoje temos um orçamento anual de R\$ 55 milhões. Destes, R\$ 43 milhões vêm do governo. O restante, da iniciativa privada e da venda de ingressos. Se pensarmos que há dez anos a orquestra era completamente dependente do governo, estamos caminhando num ritmo satisfatório. Nos próximos dez anos queremos trabalhar com o máximo de 50% de capital governamental”, diz.

Lopes explica que a decisão advém da vulnerabilidade do Estado em relação à cultura e aos diversos ciclos econômicos nacionais. “Há governantes que parecem não perceber que cada real investido em Cultura representa incontável número de frutos. Hoje, 1,2 mil pessoas trabalham, por mês, direta e indiretamente em torno da Osesp, incluindo companhias de turismo, fábricas de instrumentos musicais etc. É a cultura alavancando a economia nacional”, observa.

Além de toda a tarefa burocrática, o diretor ainda acumula a função protocolar em viagens internacionais. Na turnê americana, por exemplo, enquanto não resolvia problemas logísticos ou nos momentos em que não estava num palco para uma das apresentações, encontrava-se reunido com embaixadores, organizava coletivas de imprensa e vendia apresentações futuras. “Contatos assim são essenciais. Os efeitos disso podem ser observados por meio da internacionalização da orquestra. Hoje, por exemplo, apresentamo-nos nas melhores salas das capitais européias”, diz.

“Nada mais faço do que valorizar e viabilizar os projetos artísticos da formação. John Neschling (o diretor artístico da Osesp) é um empreendedor de mente fervilhante. Cria projetos a toda hora. Meu trabalho é dar suporte aos seus sonhos”, diz, modesto. ■